

## LITERATURA FRAGMENTADA E O IDEÁRIO MODERNIZADOR NO ALTO SERTÃO (CAETITÉ-BA, 1920 a 1950)

Maria Aparecida Dias Castro<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem por escopo analisar o surgimento e divulgação de ideias civilizadoras no alto sertão da Bahia, veiculadas em periódicos locais e em poemas inéditos de um literato sertanejo, Gonçalo do Amarante Costa. Através de um diálogo entre história e literatura, buscou-se interpretar tais textos inserindo-os em um projeto civilizador de segmentos sociais dominantes. Esses ideais e convicções de membros da *intelligentsia* apresentaram-se como formas de pensar com vistas a consolidar e manter uma ordem social elitista, cujos reflexos incidiram no cotidiano, nas vivências e práticas de diversos sujeitos sociais.

**Palavras-Chave:** Ideário Modernizador. Alto Sertão da Bahia. Memória.

### RESUMEN

Este artículo tiene como propósito analizar la aparición y difusión de ideas civilizadoras en el alto sertón en el interior de Bahía, transmitido en revistas locales y poemas inéditos poemas inéditos por un hombre de la frontera literaria, Gonçalo do Amarante costa. A través de un diálogo entre la historia y la literatura, hemos tratado de interpretar esos textos por su inclusión en un proyecto civilizador de los grupos sociales dominantes. Estos ideales y convicciones de los miembros de la *intelligentsia* se presentaran como formas de pensamiento con la finalidad de consolidar y mantener una élite social, cuyos reflejos se centraron en la vida cotidiana de las experiencias y prácticas de los diversos sujetos sociales.

**Palabras clave:** Modernización de las ideas. Alto Sertón en el Interior de Bahía. Memoria.

A inspiração para escrever este artigo surgiu através do contato com as poesias originais de Gonçalo do Amarante Costa<sup>2</sup>. Seus textos avulsos, muitos deles em versos de correspondências, quando comparados com outras fontes como a literatura jornalística, expressam uma posição política que cintila aspectos concernentes aos modos de viver e

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus VI. E-mail: maria-dias8@live.com.

<sup>2</sup> Segundo Informações obtidas com seus filhos: Godofredo, Francisco e Jaquelina Spínola Costa, Gonçalo do Amarante Costa (1887-1957) nasceu na fazenda Amargosa, em Lagoa Real, à época pertencente ao município de Caetité, filho de proprietários rurais. Casou-se com Rosa Cândida Oliva de Souza Spínola, sendo escrivão, professor particular, proprietário rural, poeta e articulador político, sob a orientação do grupo de Ovídio Antunes Teixeira. Sua escolarização foi irrisória, além de ter recebido aulas com professoras rurais perto da Amargosa, estudou três meses de forma integral em Caetité com o professor José Martiniano de Santana, a partir daí progrediu nos estudos como autodidata, tendo sido notório seu conhecimento em Língua Portuguesa, Medicina Homeopática e Direito, tanto que foi convidado por um bacharel Cezar Garcez a trabalhar como rábula numa banca de advocacia em Caetité.

pensar no alto sertão da Bahia<sup>3</sup> nos primeiros cinquenta anos do século XX, e, de modo sub-reptício, revela o embate pelo poder que as camadas dominantes dessa sociedade se envolviam.

A introdução de ideias europeias no Brasil remonta ao período colonial e as evidências apontam que Caetité<sup>4</sup> recebeu, desde o século XVIII, influência cultural e intelectual de eruditos de diversas origens. Pessoas que contribuíram para impulsionar as artes e as letras. Todavia, a difusão de um ideário civilizador<sup>5</sup> na mencionada região é um fenômeno complexo e parcialmente explicitado. De modo geral, o seu estudo no Brasil tem demonstrado ser imperativa a ampliação de pesquisas visando lançar luz sobre questões ainda obscuras na historiografia<sup>6</sup>.

A literatura memorialista produzida sobre a cidade mencionada indicou que,

[...] bem cedo se desenvolveu um pendor para letras, teatro, música, que fez do povo caetiteense o mais culto e politizado de todo o sertão. Aos seus foros de cultura deveu a cidade ser chamada no século passado “Corte do Sertão”<sup>7</sup> (SANTOS, 1976, p.25).

Convicções como a expressa acima orientaram as falas de diversos intelectuais, filhos da terra e forasteiros que nessa urbe se estabeleceram. Nesse esteio, Carvalho (1995) ressalta que determinadas formas de pensar, produzidas e adotadas no seio da elite letrada, se difundiram repercutindo nos modos de agir e pensar dos demais segmentos sociais, independente de sua condição social ou escolarização, artifício, *in totum*, relevante na legitimação de regimes políticos. Sendo assim, essa difusão nas camadas mais pobres é instigante, sobremodo, quando se estuda aspectos do imaginário social.

Nicolau Sevcenko (2003) ressalta a possibilidade de ler a história simultaneamente ao ler a literatura ficcional, atitude que amplia as possibilidades de recorrer a essas fontes como recurso importante para compreender a dinâmica histórica das relações humanas. Sendo assim, a interpretação de textos deve estar associada ao contexto histórico e espacial dos

---

<sup>3</sup> O Alto sertão da Bahia, na perspectiva de Erivaldo Fagundes Neves (1998,p.22), compreende a região que medeia a Serra Geral e a Chapada Diamantina. Acréscimos a essa definição podem ser encontradas em Pires (2003) e Estrela (2003).

<sup>4</sup> Cidade do interior da Bahia, a aproximadamente 700km da capital do Estado.

<sup>5</sup> Paulo Henrique Duque Santos (2011, p. 2), aborda que “Nas primeiras décadas do século XX, membros da elite intelectual caetiteense ocuparam-se do progresso econômico, político e social da sua região.” Perceptível numa série de ações impostas pelas elites e poder público, no sentido de orientar os comportamentos e as práticas de diversos sujeitos históricos.

<sup>6</sup> O estudo das ideias tem sido uma vertente polêmica no âmbito da historiografia, além de ser reivindicada por diversas ciências sociais, foi vista com certo desdém pelo grupo dos Annales, pois sua prerrogativa é eminentemente elitista. Há no entanto uma versão renovada desses estudos na tradição inglesa que, segundo Falcon (1997), contempla algo como História Social das Ideias, tendo como um dos principais representantes o norte-americano Robert Darnton.

<sup>7</sup> Citações do livro Caetité: Pequeninina e Ilustre da memorialista Helena Lima Santos, que residiu em Caetité por muitos anos, levando-a a fazer um relevante trabalho de registro de certa memória local.

sujeitos sociais estudados e daquele que o estuda, abrindo “[...] caminho através de um universo mental estranho.” (DARNTON, 2001, p.17).

Seria trivial considerar o pensamento de Gonçalo do Amarante Costa algo *sui generis*, desvinculado espacial e temporalmente do lugar em que habitou. Foi manifesta sua preocupação, como de outros eruditos em enfatizar Caetité como polo cultural e civilizador do alto sertão baiano. Postura que, de formas diversas, foi adotada pela *intelligentsia* objetivando interferir no cotidiano social para erigir e ratificar valores de determinados segmentos da fina flor alto sertaneja.

As impressões decorrentes dessas leituras desvelam uma preocupação desses sujeitos históricos com questões cruciais de seu tempo e lugar social. Formas de pensar que circunscreviam as noções de civilização, progresso e nacionalismo, sugerindo, dessa forma, uma contiguidade com o pensamento cientificista àquela época hegemônico na Europa Ocidental e que passou a ser discutido e adotado no Brasil, sobretudo, a partir da República<sup>8</sup>. “A nação entrou em contato com outras culturas e ideias desvinculando-se gradativamente da dominação portuguesa [...] absorvendo todos os momentos de pensar europeu [...]” (LEMOS 1995, p.7). Por extensão, ao discorrer sobre o pensamento modernizador erigido no alto sertão, Paulo Henrique Duque Santos (2011,p.9) pontua:

Documentar outros desdobramentos das representações modernizadoras no alto sertão contribui de diversos modos para repensar representações sociais, políticas e culturais acalentadas no Brasil ao longo do século XIX e que parecem encontrar no tempo da República a sua chance de melhor florescer.

No discurso da plêiade intelectual das primeiras décadas do século XX, delineava-se a imagem de que por estas paragens se generalizava um modo de vida pautado no polimento e refinamento social. Caetité, nessa perspectiva, fincava-se “[...] no meio dos extensos sertões como um ninho de cultura [...]. Há aqui uma boa e culta sociedade, muita urbanidade e delicadeza na gente do lugar [...]” (NEVES, 1986, p.5). Narrativas que visavam cristalizar uma memória e uma tradição que a colocasse na vanguarda regional. Não obstante, tais falas não dão conta da totalidade social de seus habitantes, pessoas que, nas suas laborações diárias, viviam à revelia desses valores e comportamentos.

---

<sup>8</sup> Ver a respeito os livros de José Murilo de Carvalho (1995), *A Formação das Almas: o imaginário da república no Brasil*, e o de Maria Teresa Torfio Brites Lemos (1995): *Contribuição para o estudo das ideias no Brasil*.

Um dos principais motivos de orgulho de tais indivíduos foi enfatizar a educação que, desde Escolas Régias à Escola Normal<sup>9</sup>, contribuiu para escolarizar pessoas da cidade e circunvizinhanças. Era um contexto privilegiado, entretanto, parte expressiva dos moradores do alto sertão permaneceu à margem desse benefício, pois se restringia a uma minoria. As instituições de ensino exerceram um papel crucial na busca de moldar essa sociedade. A despeito, Bittencourt (1996), ressalta a importância da escola e da história como veículos promotores das tradições inventadas<sup>10</sup>, com um constante realce em lembrar certos eventos. Nesse viés, o poema abaixo exemplifica uma preocupação dessa intelectualidade em reavivar uma memória da proclamação do regime republicano, sessenta e seis anos após ter sido efetivado.

Fitando o Brasil à França,  
Nobre graça esperança...  
Precedendo o arrebol,  
Então Sete de Setembro  
Insta Quinze de Novembro  
O republicano Sol!...

O pressuroso Deodoro,  
Tão ligeiro igual meteoro,  
Marcha com intrepidez,  
A favor da causa pública,  
Logo proclama a República,  
Aceita com avidez!...

(...)

Fica extinto o império  
- Elemento deletério  
Pra nosso caro Brasil;  
Então nasce a liberdade  
Legando à posteridade  
Um Brasil forte e viril!...<sup>11</sup>

Neste texto, como em outros, há uma constância em valorar os grandes eventos e os grandes homens, cujos indícios convergem para a tentativa de qualificar o Brasil como nação que pretende se igualar às potências europeias, “fitando à França”, como está expresso no

<sup>9</sup> As Escolas Régias de estudos maiores de latim, português, música, geometria e lógica foram criadas no início do século XIX, sendo extintas em 1842, não obstante a Cadeira de Latim funcionou em Caetité até 1860. Quanto a Escola Normal, foi criada em 1895 e fechada em 1903 por razões políticas. No entanto, em 1925 foi inaugurada a Nova Escola Normal que funcionou até 1955 (SANTOS, 1976, p. 25-33).

<sup>10</sup> Para Eric Hobsbawm (1997, p. 9) por tradição inventada compreende-se um “[...] conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.”

<sup>11</sup> APMC. Acervo Particular de Gonçalo do Amarante Costa. A República, 15 de junho de 1955.

primeiro verso. Foi, portanto, uma tentativa de “enquadramento das memórias”<sup>12</sup>, necessária de ser reafirmada, pois nos anos que se seguiram ao advento republicano, houve uma preocupação exaustiva em forjar uma lembrança nacional que consagrasse tal regime no ideário popular.

Interessa pensar em como se fomentou esse “forjamento de lembranças”, já que o regime imperial anterior, isto é, a experiência a ser lembrada, foi considerada por Gonçalo do Amarante Costa como “elemento deletério”. Nota-se que o poeta fala em “arrebol” que pode ser entendido como a metáfora de um “começo”, e a República se anuncia assim, como um começo. Portanto, há razão em dizer que houve um “enquadramento de memória” na mobilização de elementos como símbolos e datas, considerados e valorizados em função de certo nacionalismo peculiar à época. Mas a República dizia respeito ao futuro, ao tempo vindouro, ao “horizonte de expectativas”, parafraseando Koselleck (2006). Ao se pensar o contexto do advento da República, existia um distanciamento entre o que se viveu, ou seja, o espaço de experiências, e o que se queria viver: o horizonte de expectativas.

Este papel também pode ser atribuído à literatura jornalística, porquanto os jornais são por excelência, instrumentos de divulgação de ideologias. No próprio slogan do jornal *A Penna*<sup>13</sup> observa-se a pretensão de seu redator em constituir-lo como “Órgão dos interesses locais, agrícolas e civilizadores do alto sertão”. Esclarecia, dessa forma, o papel que propusera desempenhar, ou seja, veículo de uma determinada classe social imbricada por um discurso elitista. Destaca-se a importância da imprensa<sup>14</sup>, um mecanismo usado pela *intelligentsia* como canal transmissor de suas opiniões, e no contexto estudado, foi caracteristicamente marcado por um referencial progressista, pois a ideologia do progresso atravessa todo o discurso empreendido no jornal, pelo menos na época de João Gumes. Nas suas falas, tornou-se patente que os periódicos foram compreendidos como um produto surgido do progresso da civilização e em sua função:

A cidade de Condeúba, **obedecendo ao impulso que nos leva a torrente do progresso ao brilhante futuro que nosso sertão collima**, deu à luz uma gazetazinha [...] **Nossos profalças a “o Alvorecer” e aos espíritos**

<sup>12</sup> Michel Pollak (1992) utiliza a expressão “enquadramento de memórias” para definir as estratégias das classes dominantes no intuito de promover uma reconstrução ou reinvenção do passado que legitimasse e justificasse os interesses dos grupos detentores de poder, garantindo desta forma, a coesão interna em uma determinada comunidade.

<sup>13</sup> O Jornal *A Penna* foi o primeiro do Alto Sertão da Bahia, circulou de 1897 a 1943 com algumas interrupções. Tendo como proprietário e redator João Antonio dos Santos Gumes, após sua morte seus filhos assumiram a direção do Jornal até a suspensão. Posteriormente publicaram outro periódico, *O Dever*, veiculado entre 1955 e 1958.

<sup>14</sup> No caso do jornal *A Penna*, Lielva Aguiar (2011) discute sua vinculação, ora latente, ora evidente ao grupo político de Deocleciano Pires Teixeira.

progressistas que o criaram, desejando uma longa e lustrosa existência<sup>15</sup>.

Intelectuais como João Gumes e Gonçalo do Amarante Costa, embora não desfrutassem da posição socioeconômica de mandatários como Deocleciano Pires Teixeira<sup>16</sup> e seu herdeiro político Ovídio Antunes Teixeira<sup>17</sup>, propagavam e divulgavam seus valores e posicionamentos políticos, sendo coadjuvantes nas empreitadas eleitorais. Posição política depreendida nos trechos do ABC a seguir:

A

A política de Caetité,  
(Ninguém jamais desmente)  
Está sempre em pé.  
Com Ovídio na frente!

B

Bem depressa Juracy<sup>18</sup>,  
Conheceu o valor  
Não tem azas o colibri,  
Onde voa o Condor

C

Clovis Moreira,  
Bevelaqua da Medicina  
De frente sobranceira.  
Boa senda destina...

D

Durval – Bacillo de Cokc –  
Sócrates - a cicuta,  
Pra ver se dá um coque  
De chefe se imputa! ...

E

Empregam todos meios...  
Os ditos liberais;  
Mas, furtamos maneios  
Do pobre Satanáz!

F

Fraga com sua fragata  
Não teme naufragar;  
Co'a Multidão grata

<sup>15</sup> A Penna, 13 de maio de 1921, n 243. Grifos Nossos.

<sup>16</sup> Segundo Santana (2012, p.17), “Deocleciano Pires Teixeira foi um influente coronel e político de Caetité – BA, pai do educador Anísio Teixeira”.

<sup>17</sup> Como ressalta Aguiar (2011), Ovídio Teixeira não possuía relação parental com Deocleciano Pires Teixeira, mas foi seu sucessor político, sendo eleito intendente de Caetité após o movimento de 1930, evidenciando a força política do Coronel Deocleciano P. Teixeira possuía no cenário político baiano.

<sup>18</sup> Possivelmente Juraci Magalhães que ocupou o governo do Estado da Bahia em três mandatos. O primeiro, iniciado como interventor.

Há de conquistar!...<sup>19</sup>

Quem seria o Durval? Provavelmente o Públio de Castro<sup>20</sup>. Afinal, “[...] Entre os mais exaltados anti-teixeristas estava o negociante, chefe de numerosa família, filho da terra, Durval Públio de Castro [...]” (SANTOS, 1976, p. 61). Associado ao “Bacilo Cokc” por ser antagonista ao grupo político dos Teixeira. No entanto, esse grupo político contrário aos Teixeira “Só em 1943/44 conseguiu [...] alcançar a prefeitura com a nomeação de Antônio Vieira. Este caetiteense, negociante conceituado, chefe de numerosa família, sempre foi, com Durval Públio de Castro, a ‘alma’ da oposição [...]” (ibid, p. 69).

Como a fonte transcrita acima ligeiramente abeira-se, desde o Império, a política caetiteense esteve dividida entre dois grupos: A facção Conservadora apoiada pela família Fraga e o Partido Liberal dominado pelo José Antônio Gomes Neto (Barão de Caetité), Joaquim Manoel Rodrigues Lima e Deocleciano Pires Teixeira. Segundo Aguiar (2011) Deocleciano Pires Teixeira foi um dos poucos mandatários que transitou entre os dois regimes e no limiar da República endossou o grupo daqueles que apoiaram Rui Barbosa se inserindo na Concentração Republicana da Bahia (CRB) em oposição a José Joaquim Seabra. Tanto que nos primeiros anos do novo regime foi nomeado intendente Municipal (1892), substituindo Joaquim Manoel Rodrigues Lima que assumiu o governo do Estado da Bahia até 1895. Com a posse de Góis Calmon<sup>21</sup> em 1924 que contou com a adesão de Deocleciano, seu grupo entra em cena na política local pelo menos até anos finais da década de 1950. Ovídio Antunes Teixeira elegeu-se prefeito e exerceu o cargo por três vezes. Outros aliados dividiram o poder como o citado Clóvis Moreira também eleito por três vezes, o que demonstrava o prestígio do referido grupo.

A partir da Proclamação da República no Brasil os grupos divergentes disputavam o poder sob a propaganda do progresso e modernização da sociedade. Fenômeno não distinto na Bahia. Sarmiento (2009), analisando as trajetórias de Rui Barbosa<sup>22</sup> e J.J.Seabra<sup>23</sup>, pontua

---

<sup>19</sup> APMC. Acervo Particular de Gonçalo de Amarante Costa, A B C (incompleto) s/d.

<sup>20</sup> Durval Públio de Castro foi o proprietário da Loja Caprichosa, “[...] destacado comerciante local, pessoa de espírito sensível às letras e as artes, muito fez pelo progresso da cidade. Em suas ‘idas a vindas’ a São Paulo, na lide do seu comércio, aproveitava para trazer as idéias modernizantes que por lá fervilhavam, no sentido de impulsionar o desenvolvimento de sua terra [...]” (MENDES,2002 p.67). Foi inclusive um dos principais protagonistas da construção do Teatro Centenário.

<sup>21</sup> Foi governador da Bahia entre 1924 e 1928.

<sup>22</sup> “[...] o senador, ministro e deputado Rui Barbosa (1849-1923). Glorificado em vida, celebrado após a morte, Rui concentrou as aspirações de saber, grandeza, civilização, justiça e liberdade de todo o país. Numa palavra, ele representava o *bem*. Confrontado a essa figura mítica, J. J. Seabra encarnava a imagem do *mal*” (SARMENTO, 2009, p.9).

que esses dois protagonistas que agitaram o cenário político baiano, também alardeavam projetos modernizadores singulares como tática de galgar o poder político, “projetos” que do ponto de vista desses políticos precisam ser analisados para se identificar suas ideologias e como elas foram incorporadas pelas elites e políticos locais. Afinal o estigma/conceito do coronelismo é problemático sendo importante esmiuçá-lo, encarando o coronel como figura humana inserida num contexto de ideias e afinidades, superando a noção de coronelismo como algo estático e rígido.

Seabra era visto como “[...] o homem da civilização à força, da higiene disciplinadora e perversa, que segregava pobres e negros para criar o ambiente asséptico desejado pela burguesia em ascensão” (ibid, p.8). “[...] Rui sobressaía pelo poder do verbo, Seabra angariava espaços pela sagacidade e capacidade de articular apoios. O confronto ocorria no campo político, era uma disputa de poder” (NOVAIS, 1989 apud SARMENTO, 2009, p.9). Seabra encarnava o mal, enquanto Rui foi o seu oposto. Não ao acaso Gonçalo do Amarante Costa dedicou a Rui Barbosa, liderança política do grupo a que vinculava, diversos versos como “O Sol de Haia!” :

Era dos gênios o Gênio...  
Que no célebre convênio  
De Haia, surge sem rival,  
Do saber no itinerário  
Era, então, corolário,  
Como Gênio principal!...

.....  
Atingiste as culminâncias  
As interminas distâncias...  
Aonde jamais foi ninguém;  
Como Astro mais luminoso,  
No teu percurso radioso,  
Deslumbraste muito além...!

Por astros iluminados,  
São sempre considerados  
Os fulgores do teu Sol,  
Do teu astro findo o curso,  
Resta o sublime recurso  
Na Luz do teu arrebol!...

E como Estrela de Haia,

---

<sup>23</sup> “José Joaquim Seabra (1855-1942) foi Governador da Bahia por dois mandatos, senador, deputado e duas vezes ministro. Com mais de cinquenta anos de atividade política, desde o Império até os últimos anos do Estado Novo. Durante essa longa e acidentada trajetória, despertou em grandes doses o amor e o ódio dos seus contemporâneos” (SARMENTO, 2009, p.8).

Então sobre o Himalaia,  
Iluminaste Amplidão,  
- Grande Sol do Novo Mundo,  
Surpreendeste todo mundo  
No abismo da erudição!!...

Como larvas do Vesúvio,  
Em torrentes do Dilúvio,  
- Pompéia em inundação;  
O fenomeno pasmoso  
E o teu Gênio portentoso  
De eterna erupção!...

Ofuscastes mil estrelas  
Das Nações – acesas velas –  
Dentre as quais brilha Massal  
Como Potência Divina,  
Rompeste a vasta cortina  
No teu surto triunfal!

De vitória em vitória,  
Aonde iria ter tua gloria  
Gênio sem competidor?  
Somente cedendo o azo  
Do teu Astro lá no Ocaso,  
Ocultando o teu fulgor!...

Se extinguiu teu belo lume,  
Por motivo do negrume  
Da eterna noite polar;  
Todavia resta a fulgência,  
De acisolada essência  
Como super luminar!

Ruy Barbosa, Ruy Barbosa,  
- Expressão mais luminosa,  
Que não se esquece jamais,  
-Favorito Brasileiro,  
É de todos os primeiro,  
No sec'lo dos Imortais!<sup>24</sup>...

O culto à erudição e a seu principal vulto baiano, bem como ao civilizar, ao progredir e ao modernizar entoavam os discursos e embates políticos, atribuindo significados às ações cotidianas dos sujeitos históricos. Não condizente com os poemas citados anteriormente, o texto abaixo é indicativo das contradições onde elas se submergiram. Além disso, tangia uma realidade social, em regra, ocultada, como a existência de pessoas analfabetas, desfazendo o

---

<sup>24</sup> APMC. Acervo Particular de Gonçalo do Amarante Costa. O Sol de Haia, 12 de abril de 1954. Entre Outros versos dedicados a Rui Barbosa destacou-se também o Gênio e o Sabre datada de 1932 e Rui!! de 1956.

lugar comum de que essa cidade sertaneja era um celeiro de cultura e de que a disputa pelo poder político era conduzida, quase sempre, de forma pacífica e ordeira entre os adversários.

Eleitor é um castigo  
Tem mais gente de que pó  
Gente Ate dos inferno  
Quem vai lá são elles só,  
**Tem cabra ahi nesse meio**  
**Que não sabi a letra do ó.**

Faço votos ao onipotente  
A meu Deus eu faço rôgo  
**Se liberal ainda ganha**  
**Lagoa Real <sup>25</sup>pega fogo**  
**Denuncia baile e prisão**  
**Todo dia há de ter jogo**

Gostam muito de dar viva  
Ao partido liberal  
Ajuntam todos turrando  
Como zebú no curral  
Esquece do próprio Deus  
Só se falla em Durval

Muito magros elles estão  
É custoso de engordar  
Ta dando muito algodão  
Para os liberais escapar  
Devendo o que não possui  
E sem vontade de pagar<sup>26</sup>

Ao tratar provavelmente do grupo adversário, o discurso muda drasticamente, pois o poeta com os olhos sarcasticamente voltados ao “popular” se contrapõe ao estilo polido e laudatório dos anteriores. Nesses versos os eleitores são considerados pessoas indisciplinadas, desordeiras e não atenta às normas socialmente estabelecidas. Promovedores de ações que poderiam fugir ao controle das leis, normas e valores. Portanto, distanciados do polimento social e dos costumes civilizados tão ensejados. Destaca-se que o jornal A Penna, o principal do alto sertão, deu pouca oportunidade aos adversários demonstrarem seus ideais e programas políticos, pois como pontuado anteriormente, e relativizando o papel desse periódico, que teve um alcance para além da “servidão” partidária local, serviu aos propósitos dos Teixeira.

---

<sup>25</sup> Segundo (DELGADO, 2001) este município está localizado no semiárido baiano em área da bacia hidrográfica do Rio de Contas, próximo a Caetité tendo sido um de seus principais distritos, até alcançar autonomia política em 1989.

<sup>26</sup> APMC. Acervo Particular de Gonçalo do Amarante Costa, sem data e de autoria desconhecida. A linguagem usada bem como a grafia não corresponde ao estilo, verificado nos versos do poeta. Grifos Nossos.

Essas estratégias decorrem do fato de que nos primeiros anos do século XX, a ênfase nas ideias de progresso e de civilização foi o foco principal dos discursos no Brasil republicano. E como apropriadamente sublinha (SCHWARCZ 1996, apud SARNENTO, 2009, p.27) “ninguém duvidava do progresso – de um progresso linear e determinado – assim como não se questionava a idéia de que o único modelo de civilização era aquele experimentado pelo Ocidente”. Não obstante, a noção de moderno estava basicamente restrita à modernização tecnológica e às coisas práticas divulgadas pelo cientificismo da época relativo, por exemplo, à saúde e à doença.

Sendo assim, as dimensões da modernização se estilhaçavam em contextos, situações e objetos os mais variados. Esse fragmentar do ser moderno pode ser notório no trecho a baixo:

Por carta do nosso amigo o Dr. Ovídio Antunes Teixeira, datada de 25 do passado, somos informados da chegada dos trens da EFC Bahia em Jequi pela primeira vez em meio do maior entusiasmo, que tocou às raias de delírio. **As machinas entraram no povoado ostentando os pavilhões francezes e brasileiro**, as pranchas ornadas de folhagens e vistosas flammulas que se adejavam ao sabor da brisa como que participando do regozijo da população<sup>27</sup>.

A junção das bandeiras nesse evento, de forma simbólica, equiparava as duas nações, pois o desenvolvimento por ferrovia chegava à Bahia civilizando-a, levando-a a tão sonhada odisseia do progresso. Por certo, a leitura desse artigo acalentou o sonho de leitores. De forma similar, Gonçalo do Amarante Costa proclama a crença nesse meio de transporte como elemento da civilização e em seu favor:

**Hoje a locomotiva**  
**De trazer não se esquivava**  
**A civilização,**  
E o Sertão participa  
Desta luz que dissipa  
O Pesado Vulcão!...<sup>28</sup>

O sonho da “penetração da estrada de ferro Central do Brasil pelo território do município de Caetité alimentou por décadas, os espíritos caetiteenses mais preocupados com o progresso da cidade” (SANTOS, 2001, p. 81), pois a exemplo da eletricidade, que tanto a distinguia de outros lugarejos, seria mais uma conquista que a afirmaria como um lugar

<sup>27</sup> APMC. A Penna, 07/07/1921. Grifos Meus. De acordo com Aguiar (2011) Atualmente o lugar se chama Novo Acre e é um distrito do município de Iramaia – BA.

<sup>28</sup> APMC. Acervo Particular de Gonçalo do Amarante Costa, O trem de ferro, 15/07/1947. Grifos Nossos.

diferenciado. “Ainda na década de 1940, persistia a esperança do município ser beneficiado com este moderno meio de transporte [...]” (ibid, p. 81). Entretanto, a ferrovia foi um projeto frustrado, e as viagens a cavalo e o comércio por tropas persistiu até os anos 1950, quando arquitetaram rodovias e caminhões trafegaram. Até então, “Viajar à capital do Estado, a cidade da Bahia, impunha o sacrifício de seis dias a cavalo para atingir os trilhos de uma precária ferrovia [...]” (NEVES, 1986, p.6).

A recente produção historiográfica regional e local<sup>29</sup>, aponta para um enfraquecimento econômico nas décadas após a abolição, havendo secas e aumento no fluxo de migração, mas em contrapartida, as elites, naquelas décadas, vivenciavam uma efervescência sociocultural, no campo das ideias e no imaginário social, que repercutia nas formas de pensar, vestir e comportar dos indivíduos e viabilizava um vivo intercâmbio cultural e comercial de Caetité com os principais centros urbanos brasileiros como Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Como anunciava a Loja Caprichosa:

[...] Cortinados ricos para cama, cortinas para salas e casas de cultos, casimiras finas para fraks, ditas para calças, artigo lindo e listradinho, chapéus cartolas e feltro, enfeites finos para vestidos.[...]. Perfumaria franceza legitima para uso individual ou para presente. Oleos francezes para cabelo [...].<sup>30</sup>

Caetité era na visão dessas pessoas uma seara seleta em pleno sertão, onde suas condições naturais e a história de seu povoamento determinaram sua situação privilegiada. Embora divergentes, esses grupos tinham nessas tônicas o seu principal jargão político. A exaltação da polidez e refinamento pareceu ser bastante cultivada pela nata local e pode ser

---

<sup>29</sup> Concretizada nos estudos de RIBEIRO, Marcos Profeta. **Mulheres e poder no alto sertão da Bahia: a escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeia (1901 a 1927)**. São Paulo: Alameda, 2012. AGUIAR, Lielva Azevedo. **“Agora um pouco de política sertaneja”: a trajetória da família Teixeira no alto sertão da Bahia (Caetité, 1885-1924)**. Santo Antônio de Jesus, BA, 2011, 154 f. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local), Universidade do Estado da Bahia. NOGUEIRA, Maria Lúcia Porto Silva. **As normas dos “bons costumes” e as resistências femininas nas obras de João Gumes (Alto Sertão Baiano, 1897-1930)**. São Paulo, SP, 2010. 171 f. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. e SANTOS, Paulo Henrique Duque. **Cidade e memória: dimensões da vida urbana - Caetité - 1940-1960**. Rio de Janeiro, RJ, 2001. 194 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. GUIMARÃES, Eudes Marciel Barros. **Um painel com cangalhas e bicicletas: os (des)caminhos da modernidade no alto sertão da Bahia (Caetité, 1910-1930)**. 2012. 151 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2012. Ressalta-se que outros estudos têm sido desenvolvidos sobre a região como os de PIRES, Maria de Fátima Novais. **Fios da vida: tráfico interprovincial e alforrias nos Sertões de Sima-BA (1860-1920)**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2009 e **O crime na cor: escravos e forros no alto sertão da Bahia (1830-1888)**. São Paulo: Annablume, 2003. NOGUEIRA, Gabriela Amorim. **“Viver por si”, viver pelos seus: famílias e comunidades de escravos e forros no “certam de sima do sam francisco” (1730-1790)**. Mestrado em História Regional e Local, UNEB, Santo Antônio de Jesus, 2011. SANTANA, Napoliana Pereira. **Família e Microeconomia Escrava no Sertão do São Francisco (Urubu BA, 1840-1880)**. Mestrado em História. UNEB, Santo Antônio de Jesus, Bahia. 2012.

<sup>30</sup> APMC. A Penna, 07/05/1925, folha avulsa. Propaganda da Loja Caprichosa.

vislumbrada em outras propagandas da Loja Caprichosa editada no “A Penna” como a transcrita abaixo:

“A Bahia civiliza-se?!  
E o Sertão?  
Civiliza-se-há quando toda a freguesia usar dos novos e modernos artigos  
recebidos pela grande e barateira  
Loja Caprichosa!!!”<sup>31</sup>

Para além do apelo comercial, desde os primeiros anos do século XX, o oferecimento de artigos finos, alguns de origem francesa, acentua uma busca de polir o sertão. Assim, o incentivo e disciplinamento de comportamentos “civilizados” eram perscrutados de estratégias diversificadas, ou seja, desde melhorias na infraestrutura urbana às peças do vestuário. Todavia, Estrela (2003) pontua outro fator de modernização dessa região sertaneja, em geral, desprezada pelos segmentos dominantes. Tratou-se do constante ir e vir de pessoas que migravam para o estado de São Paulo. Retornavam a terra natal e tornavam migrar, num ciclo vicioso. Foram denominados sampauleiros e traziam em suas bagagens artigos nem sempre conhecidos dos moradores do lugar, como o rádio, contribuindo para a entrada no sertão de novos artigos, novos comportamentos e conhecimentos.

Tênue linha entre o ideário modernizador e as expressões concretas de sua efetivação no alto sertão da Bahia. De modo geral, depreende-se que esses discursos pontuados tanto no Jornal A Penna, como nos manuscritos de Gonçalo do Amarante Costa e livros de memorialistas revelam que, tais falas, foram sobretudo estratégias de barganhas políticas e manutenção do *status* de grupos dominantes. Com esses dizeres eles acalentavam os sonhos de parte da população. Quanto às pessoas comuns, à exceção de quando compareciam às urnas, eram alijadas do sentido de cidadania e das benesses que a civilização e o progresso emprestavam a seus alardeadores.

## Referências

AGUIAR, Lielva Azevedo. **“Agora um pouco de política sertaneja”**. **A trajetória da família Teixeira no Alto Sertão da Bahia (Caetité, 1885-1924)**. Mestrado em História Regional e Local, UNEB, Santo Antônio de Jesus, 2011.

Bittencourt, Circe Maria Fernandes. As “Tradições Nacionais” e o Ritual das Festas Cívicas. In: PINSK, Jaime (org.). **O Ensino de História e a Criação do Fato**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 1994.

---

<sup>31</sup> APMC. A Penna, 06/06/1913, n 37, folha 4.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das Almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos e Outros Episódios da História cultural Francesa**. Rio de Janeiro: graal, 2001.

DELGADO, Edgley Cassiano. **Lagoa Real: sua história e seu povo**. Paraíba: Campina Grande, 2001.

ESTRELLA, Ely Souza. **Os Sampauleiros: Cotidiano e Representações**. São Paulo: Humanitas / FFCLC/USP; Fapesp; Educ, 2003.

FALCON, Francisco. História das idéias: Pluralidade disciplinar e conceitual. Da história das idéias à história intelectual e/ou conceitual. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da história: Ensaio de Teoria e Metodologia**. 9 ed. Rio de Janeiro: campinas: Campus, 1997.

GUIMARÃES, Eudes Marciel Barros. **Um painel com cangalhas e bicicletas: os (des)caminhos da modernidade no alto sertão da Bahia (Caetité, 1910-1930)**. 2012. 151 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Franca, 2012.

HOBSBAWM, Eric ; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio, Contraponto, 2006.

LEMONS, Maria Tereza Toríbio Brittes: **Contribuição para o estudo das idéias no Brasil**. Rio de Janeiro: Quartet, 1995.

MENDES, Bartolomeu de Jesus. **A Festa do Dois de Julho em Caetité: do cívico ao popular**. Caetité, Gráfica Castro, 2002.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Uma Comunidade Sertaneja: da sesmaria ao ninifúndio (História Regional e Local)**. Salvador: EDUFBA: Feira de Santana: UEFS, 1998.

NEVES. Flávio. **Rescaldo de Saudades**. Belo Horizonte. Academia Mineira de Medicina, 1986.

NOGUEIRA, Gabriela Amorim. **“Viver por si”, viver pelos seus: famílias e comunidades de escravos e forros no “certam de sima do sam francisco” (1730-1790)**. Mestrado em História Regional e Local, UNEB, Santo Antônio de Jesus, 2011.

NOGUEIRA, Maria Lúcia Porto Silva. **A Norma Dos “Bons Costumes” e as resistências femininas nas obras de João Gumes**. Mestrado em História Social. PUC – São Paulo, 2010.

PIRES, Maria de Fátima Novaes. **O crime na cor: escravos e forros no alto sertão da Bahia (1830-1888)**. São Paulo: Annablume, 2003.

\_\_\_\_\_. **Fios da vida: tráfico interprovincial e alforrias nos Sertões de Sima-BA (1860-1920)**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2009

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5 n.10, 1992.

RIBEIRO, Marcos Profeta. **Mulheres e poder no alto sertão da Bahia: a escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeira (1901 a 1927)**. São Paulo: Alameda, 2012.

SANTANA, Napoliana Pereira . **Família e Microeconomia Escrava no Sertão do São Francisco** (Uruba BA, 1840-1880). Mestrado em História. UNEB, Santo Antônio de Jesus, Bahia. 2012.

SANTOS, Helena Lima. **Caetité: pequenina e ilustre**. Salvador: Gráfica Nossa Senhora de Loreto, 1976.

SANTOS, Paulo Henrique Duque. **Cidade e Memória: Dimensões da vida Urbana. Caetité (1940-1960)**. Mestrado em Memória Social e Documento. UNIRIO, Rio de Janeiro, 2001.

\_\_\_\_\_. **Representações Modernizadoras no Alto Sertão Baiano – Caetité (1910-1920)**. Disponível em: < [www.historia.uff.br](http://www.historia.uff.br) > Acesso: 25/10/2011.

SARNENTO, Sílvia Noronha. **A Raposa e a Águia: J. J. Seabra e Rui Barbosa na Política baiana da Primeira República**. Mestrado em História. UFBA, Salvador, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. **A literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.